

# A LITERATURA DOS VIAJANTES DO SÉCULO XVI AO XIX E SUAS IMAGENS DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS INDÍGENAS

Wallace RODRIGUES\*

- **RESUMO:** Este texto trabalha com imagens de instrumentos musicais indígenas encontradas na literatura de informação do século XVI ao XIX, assim como busca para esses artefatos um lugar dentro da história da arte. Vários foram os viajantes que nos deixaram imagens do Brasil colônia e império. As imagens utilizadas pelos viajantes muitas vezes tinham a função de confirmadoras dos textos escritos na literatura de informação e devem ser incluídas e pensadas dentro do campo artístico enquanto estética. No entanto, como a história da arte pode lidar com essas imagens? Analisam-se os possíveis discursos de sentido relacionados a tais imagens e buscar um lugar para elas na tradição artística. As imagens de instrumentos musicais indígenas do séc. XVI referem-se ao exótico, ao estranhamento em relação aos objetos dos nativos brasileiros. Já no século XIX, tais imagens se mostram mais organizadas e deixam ver a criatividade e a inventividade do indígena brasileiro.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Instrumentos musicais. Música. Indígenas. Literatura de informação.

## Introdução

Neste estudo, as imagens dos instrumentos musicais indígenas são apreendidas enquanto reveladoras de um discurso próprio e detentoras de uma linguagem visual. Tais imagens são encontradas na literatura de informação do século XVI ao XIX dos viajantes que visitaram e escreveram seus relatos sobre o Brasil e tudo que experienciaram nessas terras.

A pesquisa para este escrito coloca-se como teórica e de cunho bibliográfico. Julgamos que este tema seja relevante para pensar os diferentes discursos ofertados pelos viajantes em relação às imagens utilizadas em suas publicações de literatura de informação.

---

\* Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Curso de Letras. Araguaína – TO – Brasil - walace@uft.edu.br

Aqui, buscamos analisar algumas imagens de instrumentos musicais indígenas retiradas da literatura dos viajantes escritas entre os séculos XVI e XIX. Lembramos que esse exercício de análise revela alguns discursos de sentido acerca de como os viajantes concebiam os indígenas, seus saberes e seus fazeres. Vale lembrar que foram muitos os viajantes científicos e aventureiros que pelo Brasil colônia e império passaram. Pensamos que esse exercício de análise de algumas imagens pode revelar certos discursos de sentido acerca de como os viajantes concebiam os indígenas, os saberes e os fazeres destes últimos.

Outro ponto a ser pensado é como tais imagens adentram o campo da história da arte e sua tradição europeia, assim como essas imagens podem ser tratadas pela história da arte. Como relatos visuais? Como objetos de arte? Como representações documentais? Ou tantas outras funções?

### **Literatura de informação e as imagens de instrumentos musicais indígenas**

As imagens podem ser, ao mesmo tempo, atribuídas com um poder exorbitante e com uma relação privilegiada com a verdade. Proibidas e abraçadas pelas religiões, desconfiadas pela filosofia, manipuladas como espetaculares e proliferadas nas mídias, as imagens não deixam de apresentar aspectos múltiplos, paradoxos, espaços planos recuados, enfim, diversos mecanismos estéticos que dão força ao sentido pretendido. Nesse sentido, Ghiraldelli Júnior (2010, p. 87), em “História essencial da Filosofia”, argumenta sobre a arte enquanto linguagem:

A obra de arte é tomada como linguagem, e isso não é em sentido metafórico. É observada e estudada a partir de categorias como significação, referência, denotação, regras sintáticas e semânticas etc. A arte é observada como um sistema de símbolos. Nelson Goodman a levou para o campo da “estética analítica”, e os estudos que, em geral, são feitos a respeito da linguagem no século XX, voltaram-se para a obra de arte, da música à literatura, passando por todo o campo das artes visuais.

Lúcia Gaspar (2009, s. p.), em seu texto “Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)”, pondera como a literatura de informação (ou literatura dos viajantes) forma representações sobre esta terra, as pessoas que aqui viviam e seus costumes:

As narrativas dos viajantes, reunidas em livros, impressos às vezes em mais de uma edição e em diversas línguas, fizeram muito sucesso na época, sendo disputados pelo público interessado em descrições de povos e costumes exóticos. Os viajantes foram, portanto, os grandes cronistas da vida brasileira dos séculos

XVI a XIX, descrevendo em suas obras aspectos da terra, da gente, dos usos e costumes do Brasil.

Muitos foram os viajantes (aventureiros, naturalistas, etc.) que escreveram relatos sobre o Brasil, logo, sobre as gentes e as coisas desta terra. As passagens pelo país os deixou tão impressionados que esses necessitaram narrar o que viram e experienciaram. Alguns desses cronistas foram Hans Staden, Jean de Léry, Henry Koster, príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, Louis François de Tollenare, James Henderson, Johan Moritz Rugendas, *Jean-Baptiste Debret*, Maria Graham, Johan Baptist von Spix e Karl Friedrich Philip von Martius, Richard Francis Burton, entre outros.

Tais viajantes utilizaram as imagens em suas publicações para ilustrar e dialogar com os textos escritos, por isso registravam cenas e informavam visualmente como as coisas e gentes eram diferentes dos costumes europeus.

Notamos que esse registro em relação ao que era “diferente” foi se modificando com o tempo, de acordo com as concepções acerca do homem da época e daqueles “encontrados” nas expedições de “descoberta” de novas terras. No século XVI, Hans Staden utilizava as gravuras de seu livro para mostrar seu horror ao paganismo dos indígenas e ao canibalismo, que ele nunca entendeu como um ritual de antropofagia. Por outro lado, no começo do século XIX, com a abertura dos portos brasileiros, os viajantes figuravam o que viam de forma mais realista, como faziam com desenhos botânicos, arranjando objetos e cenas com mais detalhamento.

E por que nos interessa justamente as imagens dos instrumentos musicais indígenas nessas publicações? Porque tais imagens revelam uma maneira de ver esses indígenas e suas criações de cultura material. cremos que as formas de ver os indígenas eram moldadas por valores e costumes da sociedade que os representavam, deixam-se perceber traços destes elementos nas imagens que ficaram até hoje. Assim, torna-se essencial contextualizá-las e dotá-las de sentido com base em investigações atuais sobre a arte e as criações dos povos indígenas. Tais imagens colocam-se, então, enquanto objetos de conhecimento, como informam-nos Ana Maria Mauad e Marcos Felipe Lopes (2014, p. 283) no texto intitulado “Imagem, História e Ciência”:

Em diferentes sociedades e períodos históricos, ver e conhecer foram princípios de elaboração do conhecimento sobre o mundo. Mediado pelo sentido da visão, o produto dessa relação pôde gerar, por sua vez, imagens em suportes variados. Elas passam, então, a mediar o conhecimento por meio de seus usos e funções, bem como da circulação a que são submetidas.

Ainda, não podemos esquecer que a necessidade de tais imagens na literatura dos viajantes acabava por dá-las uma situação de prova visual do que era relatado,

incrementando a força de representação e levando-nos a pensar, hoje em dia, em uma história das representações visuais. Ana Maria Mauad e Marcos Felipe Lopes (2014, p. 284) informa-nos algo sobre esse uso específico das imagens:

Tudo o que se refere ao visual ou é por ele produzido ganhou, por longo tempo, o estatuto de prova. De Tucídides a Euclides da Cunha, o relato eficiente de um evento seria aquele produzido por uma testemunha ocular. Portanto, uma imagem, por se ancorar em grande medida no campo do visual, ocupa lugar destacado no discurso científico de maneira ampla. As imagens podem ser, ao mesmo tempo, resultados de visões da realidade material, bem como meios de visualização de dimensões invisíveis a olho nu. Seja como for, o uso das imagens como evidências e provas é sempre contingente e histórico. Caberia, portanto, indagar como e com qual objetivo são utilizadas pelo discurso científico e historiográfico, sendo que neste último os debates recentes já apontam para a superação da epistemologia da prova rumo a uma história das representações.

Nesse sentido, cabe interrogar: em que patamar artístico essas representações pictóricas estão? Como trabalhar com elas? Vemos que podemos, fornecendo exemplos de imagens, buscar compreender como a história da arte pode lidar com essas imagens.

Nosso primeiro exemplo vem do aventureiro alemão Hans Staden:

**Imagem 1** – “Uma festa típica Tupi”, de Théodore de Bry para Hans Staden



Fonte: (STADEN, 1990, p. 42)

Hans Staden (1525-1576) era um soldado alemão e pretendia ir à Índia, mas acabou por viajar ao Brasil, chegando em Pernambuco em 1547. Retorna a Lisboa logo em seguida. Em 1550, volta ao Brasil, quando estava perto de São Vicente foi tomado por índios tupinambás e ficou preso por nove meses até ser salvo por marinheiros franceses.

A imagem 1 mostra uma cena intitulada “Uma festa típica Tupi”. Tal imagem foi criada por Théodore de Bry (1528-1598) a partir dos relatos escritos e imagens anteriores. Na descrição da imagem, Staden ~~faça~~ informa que uma vez por ano os indígenas de toda redondeza juntavam-se para festejar. Com adereços decorativos, mantos e cintos rituais de penas multicolors, alguns homens chocalham suas maracás. Staden igualmente informa que eles fumavam e tentavam se comunicar com espíritos. Havia um círculo de dançarinos em torno desses homens. Eles cantavam incentivando aos homens do centro para dar-lhes força na luta contra seus inimigos.

Notemos que a composição de Théodore de Bry repete imagens de forma muito econômica. Ele utiliza a mesma imagem de um homem de costas e de um homem de frente, repetindo-as. A única variação é em relação à decoração corporal. Os corpos seguem a iconografia europeia da época, não sendo fiel aos tipos físicos dos indígenas brasileiros. Apesar de ser uma imagem bastante descritiva, ela é uma bela imagem e mostra a execução de um exímio artista para a época. Tal imagem tem direta relação com as descrições e imagens do livro de Staden intitulado “História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com essa Impressão”<sup>1</sup>, de 1557. Vale ressaltar que a qualidade artística das imagens dessa edição de 1557 são muito inferiores às de Théodore de Bry.

Durante os séculos XVII e XVIII, as expedições ao território brasileiro eram controladas pela coroa portuguesa e poucos foram os exploradores autorizados a vir para o Brasil com o aval de Portugal. Entre esses temos Joaquim José Codina e Alexandre Rodrigues Ferreira, no século XVIII. Somente depois da abertura dos portos para as nações amigas, a partir da vinda da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, mais expedições adentraram e exploraram o país. Isso refletiu na escassez de publicações de viajantes durante os séculos XVII e XVIII. No entanto, no começo do século XIX, após a chegada de D. João VI, há grande número de publicações de viajantes e grande quantidade de registros. A professora Karylleila dos Santos

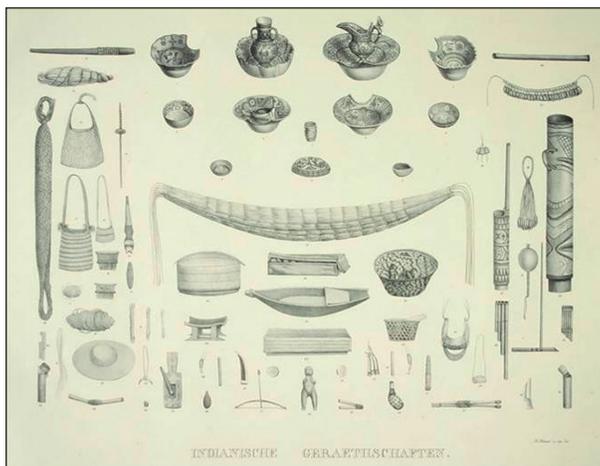
---

<sup>1</sup> A edição utilizada para a escrita desse trabalho foi “Hans Staden: Suas viagens e captivo entre os selvagens do Brasil”. Uma tradução da primeira edição original. São Paulo, TVP, Da Casa Eclectica, de 1900, como consta nas referências bibliográficas.

Andrade (2008, p. 96), em seu texto “Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castelnau e a exotização da Província de Goiás e a grafia dos Topônimos”, discorre sobre essa fase histórica do Brasil e sobre as produções a partir de expedições:

Do século XVI até fins do século XVIII, a produção científica e intelectual no Brasil era escassa. Logo que se apossou do território brasileiro, o governo português, em detrimento da política comercial expansionista dos primeiros séculos de colonização, proibiu a entrada de estrangeiros no país. A intenção era resguardar para si as informações sobre as potencialidades econômicas e os recursos exploráveis. Isso garantiu a Portugal o monopólio de exploração e comércio: a política econômica mercantilista foi sistematizada por meio da exclusividade. Mesmo com as restrições de caráter político-econômica, as informações que chegavam a Portugal orientavam quanto aos recursos naturais e a melhor maneira de submeter os habitantes nativos a sua política mercantilista. Os relatos dos missionários envolvidos na pacificação e doutrinação dos índios intencionavam chamar a atenção do rei de Portugal para as riquezas potenciais do Brasil e como dela tirar o melhor proveito. Somente com a instalação da Corte joanina é que as autoridades reconheceram a importância de divulgar conhecimentos de natureza científica sobre o país, relaxando o histórico embargo à vinda de estrangeiros ao Brasil. Em 1808, D. João VI assinou o decreto de Abertura dos Portos Brasileiros às nações Amigas. Deu-se início a ruptura com o antigo sistema colonial. Essa abertura dos portos ao exterior pode ser compreendida com um marco na história das pesquisas científicas sobre o Brasil. (2008, p. 96)

**Imagem 2** – “*Indische Geraethschaften*”, do desenhista Philipp Schmid



Fonte: (MARTIUS; SPIX, 1981, p. 38)

No século XIX, com a abertura dos portos às nações amigas, temos um grande fluxo de viajantes em nosso país. Seus relatos escritos revelavam os costumes das pessoas que aqui viviam. A visão de exotismo em relação aos indígenas parece ter dado lugar, durante o século XIX, a uma visão mais ligada à curiosidade em relação ao “outro”.

Um bom exemplo de imagem de instrumento musical indígena na literatura de viajantes é mostrado na imagem 2. Essa imagem foi intitulada como “*Indische Geraesthschaften*”<sup>2</sup> e executada pelo desenhista Philipp Schmid.

Tal imagem revela-nos vários objetos musicais indígenas em sua parte direita. Essa disposição dos objetos de forma tão organizada e realista nos leva a pensar em uma catalogação quase antropológica de tais objetos desenhados. Não somente Philipp Schmid utilizou essa forma de representação tão esquemática, mas também Jean-Baptiste Debret o fez em um trabalho intitulado *Instrumens de Musique*, de 1834, colocado em sua publicação *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Outros artistas do século XIX também utilizaram essa forma de representação esquemática e organizada para representar objetos e tipos humanos.

Notamos, também, a qualidade estética da imagem 2 e verificamos que Philipp Schmid era um desses artistas viajantes que detinham saberes artísticos acadêmicos. Ele integrou a expedição de Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius. Em uma longa viagem, entre 1817 e 1820, o zoólogo Spix e o botânico Martius percorreram milhares de quilômetros pelo país, visitando São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas.

## **A história da arte e as imagens dos instrumentos musicais indígenas**

Analisando as imagens dos instrumentos musicais na literatura de informação dialogando com história da arte, avulta-se a necessidade de reconhecer o percurso das manifestações artísticas através do tempo à medida que as classifica e as periodiza. Nesse sentido, foi durante o Renascimento, com Giorgio Vasari (1511-1574), que esse campo do saber toma forma. A história da arte busca conhecer as produções artísticas das mais variadas civilizações e povos, para além da ocidental, bem como investiga particularidades do estilo de representação. Esse método aplica-se às representações dos viajantes, como nos diz Décio Pignatari (1997, p. 64), em sua obra “*Informação Linguagem Comunicação*”, citando Umberto Eco:

A dialética presente nas relações entre iconologia e o gosto é a mesma que comanda as relações entre repertório de formas e a realidade que ele busca traduzir. Umberto Eco dá um bom exemplo disto, quando lembra os desenhos executados pelos naturalistas do século XVIII, em suas viagens pioneiras pela

---

<sup>2</sup> “Utensílios indígenas” (tradução nossa).

África, Ásia e Américas: seus desenhos de animais, que procuravam representar o mais fielmente possível, estavam mais presos à iconologia europeia desses animais do que aos seus traços verdadeiros ou reais.

Sabemos que Théodore de Bry criou suas imagens por intermédio de relatos escritos e visuais anteriores, mas não se ateu às especificidades da terra que representava. Criou um discurso visual que os europeus entendessem, utilizando-se, para isso, de forma europeias de representação, principalmente dos corpos.

As imagens dos viajantes impactaram na maneira como os europeus formaram opinião sobre o Brasil, suas gentes, seus costumes, sua flora, sua fauna etc. Elas serviram enquanto representações “verídicas” e confirmadas pela escrita dos viajantes sobre nossa terra e as coisas daqui. E se construímos significação do mundo através das representações (HALL, 1997), tais imagens marcaram fortemente nossas ideias acerca do Novo Mundo. Das representações de cenas canibais até a observação mais antropológica dos viajantes do século XVIII, organizando os objetos na imagem como se fosse em um gabinete de curiosidades, vemos que o olhar sobre os indígenas, seus fazeres e saberes veio modificando-se com o tempo.

Sobre as representações dos instrumentos musicais indígenas na literatura de informação, no século XVI, elas foram usadas para revelar os costumes dos indígenas, principalmente, danças e hábitos musicais, mas sempre com uma visão de estranhamento. No século XIX, nota-se que os exploradores percebiam que os indígenas produziam grande variedade de instrumentos musicais de sopro (flautas, apitos, trombetas, etc.) e percussão (chocalhos de mão, de feira, etc.), o que revela os indícios de um sistema musical próprio de cada um dos grupos visitados pelos viajantes. As representações dos objetos indígenas em forma de tábuas, no século XIX, deixam-nos perceber um certo interesse antropológico de conhecimento. Tais formas de amostragem pictórica dos objetos encontrados ou cambiados em expedições deixavam perceber uma tentativa inicial de cientificidade analítica, principalmente para campos científicos da antropologia e da música. Nos começos do século XIX, a antropologia ainda não havia se firmado enquanto ciência, mas já havia um grande interesse europeu por objetos “curiosos” dos povos não-ocidentais.

Analisando as duas imagens selecionadas para este texto pelo viés da arte, percebemos que tais imagens variam muito em relação à qualidade estética, principalmente por causa de quem as produziu e pela maestria em relação a técnica empregada. Há imagens produzidas por exímios desenhistas (muitas vezes treinados em academias renomadas) até aquelas executadas por amadores. Quanto às duas imagens escolhidas para ilustrar este texto, vemos, por sua qualidade pictórica, que foram executadas por artistas treinados em academias.

## **Considerações finais**

Este texto discutiu acerca de um lugar para as imagens de instrumentos musicais da literatura de viajantes dentro do campo da história da arte. Verificamos que cada imagem detém um nível artístico único, de acordo com quem as produziu e com o período artístico da época. As imagens das publicações de Hans Staden são mais rudimentares e seguem um padrão medieval pouco sofisticado, daí a necessidade de serem “melhoradas” por de Bry. Na imagem de de Bry os corpos se assemelham a corpos europeus e a perspectiva é bastante primária. Já as obras de Debret, Rugendas, Philipp Schmid, Eduard Hildebrandt e Hércules Florence, por exemplo, são verdadeiras obras de arte, como exemplifica a imagem 2. Os desenhos de Florence são de uma singeleza e riqueza de detalhes impressionante, assim como as aquarelas de Debret e Rugendas, entre outros trabalhos de grande valor artístico.

Dessa forma, não temos como fazer uma classificação geral das imagens (gravuras, aquarelas e desenhos) deixadas pelos vários artistas que por aqui passaram e que contribuíram para a criação de uma representação imagética de nosso país. Obviamente que cada um interpretava à sua maneira aquilo que via e experienciava. No entanto, eles participavam do espírito de seus tempos e de suas próprias concepções em relação ao povo dessa terra, seus fazeres, saberes, costumes e objetos.

Podemos dizer, ainda, que tais imagens de instrumentos musicais na literatura de informação ajudaram a sedimentar as primeiras representações sobre nosso país, suas coisas, seus habitantes e seus saberes. Assim se construiu uma forte narrativa que nem sempre foi muito coerente com relação aos povos indígenas e suas culturas.

Verificamos que as imagens de instrumentos musicais indígenas produzidas no séc. XVI e que estão na literatura dos viajantes referem-se ao exótico, ao estranhamento em relação aos objetos dos autóctones brasileiros. Já no século XIX, tais imagens mostram-se mais organizadas e catalogadas, deixando perceber a criatividade e a inventividade do indígena brasileiro. Pensamos que essa mudança na representação dos objetos musicais indígenas acompanha uma mudança de pensamentos em relação aos próprios indígenas brasileiros. Sempre lembrando que depois da abertura dos portos, após a vinda de Dom João VI para o Brasil, as excursões científicas foram mais frequentes e os contatos com os indígenas mais habituais.

RODRIGUES, W. The literature of travelers of the 16th to the 19th century and its images of indigenous musical instruments. **Itinerários**, Araraquara, n. 51, p. 197-207, 2020.

- **ABSTRACT:** *This paper seeks to work with the various images of indigenous musical instruments found within Brazilian information literature from the 16th to the 19th century. They are read as a form of language and we seek for them a place within the history of art. Several were the travelers who left us images of colonial and imperial times in Brazil. The images used by travelers often had the function of confirming written texts from the information literature. These images were seeking a place of speech within the written texts and should also be included and thought within the artistic field. However, how can art history deal with these images? We try to analyze the possible discourses of meaning related to such images and to seek a place for them in the artistic tradition. Our research for this text was based on bibliographic and imagery sources and our analysis sought, qualitatively, to understand the place of such images and their speeches. The partial results show that the images of indigenous musical instruments of the 16th century refer to the exotic, the estrangement in relation to the objects of the Brazilian natives. In the 19th century, such images are more organized and show the creativity and inventiveness of Brazilian natives.*
- **KEYWORDS:** *Musical instruments. Music. Indigenous peoples. Information literature.*

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, K. dos S. Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castelnau e a exoticalização da Província de Goiás e a grafia dos Topônimos. **Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, 96 Vol. XI, N° 05, Rio de Janeiro: CEFIL, 2008, p. 96-105.
- DEBRET, J-B. **Voyage Pittoresque et Historique au Brésil**, ou séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en en 1831 inclusivement. 1834. Fonte: Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Acesso em: 08 nov. 2018.
- GASPAR, L. **Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 26 set. 2018.
- GHIRALDELLI JÚNIOR., P. **História essencial da Filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- HALL, S. Old and new identities, old and new ethnicities. IN: **Culture, globalization and the world-system**. University of Minnesota Press, 1997.
- MARTIUS, C. P. von; SPIX, J. B. von. **Viagem pelo Brasil**. Tradução de XXX. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

*A literatura dos viajantes do século XVI ao XIX e suas imagens de instrumentos musicais indígenas.*

MAUAD, A. M; LOPES, M. F. de B. Imagem, História e Ciência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 9, n. 2, maio-ago. 2014, pág. 283-286.

PIGNATARI, D. **Informação Linguagem Comunicação**. 19a ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

STADEN, H. **Hans Staden**: suas viagens e captiveiro entre as selvagens do Brasil. Tradução de XXXX. São Paulo: TVP. Da Casa Eclectica, 1900.

